

O VALOR DA SABEDORIA: PARADOXOS DO APRENDER ATÉ MORRER

J. Pinto da Costa

Abordar a temática das pessoas válidas sem trabalho porque nunca conseguiram remuneração pelo que fazem a nível laboral, ou porque se encontram no estatuto de reforma, está longe de ser uma tarefa fácil.

Em boa verdade, a expressão “*pessoa válida*” no subentendimento de capacidade para trabalhar, tem o seu quê de ambiguidade.

A que idade começa, quando o cidadão deixa de ser pessoa válida?

A informação legal limita à idade o trabalho das crianças.

Os velhos, que no entendimento de alguns não existem porquanto velhos são os trapos, são limitados para muita ocupação profissional.

O povo diz que o saber não ocupa lugar.

Aprende-se até morrer. O desenvolvimento da personalidade, contrariamente ao que antigamente se pensava, não termina na idade adulta. Prossegue até à morte.

Nós ficamos como aquilo que fomos. A morte não é o pior, o pior é o medo da morte (*George Bernard Shaw*).

Durante largos anos recebemos a mensagem do emprego. A criança ao deixar de o ser, precisava de um emprego. Não raras vezes, seguia não o seu percurso, mas era uma espécie de continuação laboral do pai ou de outro familiar. O padrinho era muito para além duma ligação afectiva, o substituto do pai na educação do afilhado, e na manutenção deste como cidadão remunerado.

Esta repercussão sócio cultural do padrinho, levou à expressão “*ter um bom padrinho*” mesmo que a dita influência não proviesse do comercial pedido mas e sobretudo de alguém com mais influência do que o próprio pai.

Mais correcto na concepção contemporânea de estar no mundo, no balancear inexorável do capital e do trabalho, valor do puritanismo utópico da sociedade na dita pretensão da igualdade das pessoas, há que com humildade reconhecer que a sociedade do emprego acabou, para dar lugar à ciência da ocupação.

Como herdeiros de uma civilização hebraico-judaico-cristã, estamos sempre a mudar, substituindo verdades por outras verdades, no tumultuoso percurso de uma civilização mais ao sabor do tempo do que presa a conceitos ancestrais.

Outras civilizações, como por exemplo, na China, em vez de mudar, acrescenta-se, mantendo-se o essencial na construção de uma sabedoria que facilita o conhecimento de cada um.

Quanto mais um ser humano se engrandece maior é a sua capacidade de sofrer. Quem o disse foi Leonardo da Vinci.

Porque aceitei o convite para encerrar este Congresso abordando um título tão provocador “O valor da sabedoria: paradoxos do aprender até morrer”?

Não sei exactamente, mas a anuência passa pela minha fragilidade em não ser capaz de dizer não. E ainda porque na senda de Terêncio, “porque sou homem, nada do que é humano me é estranho”.

Também porque nas minhas ocupações multifacetadas partilho a opinião de Guyau de que “há uma profissão universal que é a de ser homem”.

Assistimos a uma convulsão de conflitos de valores, por vezes raiando a violência. Problema novo? Talvez não. Já dizia Voltaire “a tolerância é a consequência necessária do reconhecimento de que somos falíveis: errar é humano, e todos nós cometemos erros permanentemente. Então perdoemo-nos uns aos outros as nossas loucuras. É este o fundamento do direito natural”.

Nos antigos, vamos encontrar alicerces da sabedoria. Protágoras ensina que “sobre Deuses eu não sei nada, se existem ou não, nem que forma têm. Muitas coisas se atravessam no caminho do conhecimento --- a obscuridade do assunto, a brevidade da vida humana”.

Para Políbio sempre que for possível saber a causa do que está a acontecer não se deve recorrer aos Deuses.

Nesta miscelânea do aprender até morrer a quem devemos seguir?

A grande figura medieval de relevância também médica, Decartes, quando afirma que afim de alcançar a verdade, é necessário, uma vez na vida, por tudo em dúvida, até onde seja possível?

Segundo Einstein o que há de mais incompreensível no Universo é ela ser compreensível. Muito antes afirmava Demócrito: “nada existe a não ser os átomos e o espaço vazio”.

A sabedoria, encontra em Cícero, o princípio de que duvidando se chega à verdade.

A sabedoria constrói-se na tolerância como dia Sócrates: “Ninguém na terra tem o direito de dizer a outro homem em que deve acreditar, ou priva-lo de pensar como lhe agrada”.

Não vale a pena ignorar nem omitir e muito menos subestimar o que outros antes de nós pensaram.

Dizia Pascal que toda a sucessão de homens durante todos estes séculos deve ser considerada como um mesmo homem que subsiste sempre que aprende continuamente.

“É preciso avançar sempre. A vida é como uma bicicleta”, disse Einstein. “Se pára, perde-se o equilíbrio”.

O nosso Miguel Torga considerava que o mais importante da vida é vivê-la.

Para Leonardo da Vinci, quem não aprecia a vida não a merece.

A vida é sempre um acontecimento que se projecta para a frente. Viver é dirigir-se, estabelecer metas e objectivos que nos empurrem para prosseguir com entusiasmo. Viver é também uma aventura intensa em profundidade no culto da verdade.

Tudo é mais fácil quando há planos concretos sem ambiguidades como o povo celebra ao referir “cada macaco em seu galho”.

Todos nós precisamos de nos encararmos como problema.

A pessoa madura é aquela que soube reconciliar-se com o seu passado, que foi capaz de superar, digerir e inclusive sanar os conflitos do passado e vislumbra um futuro promissor e incerto.

Há que ter em conta a análise da história pessoal, ajudando o que está em dificuldade a visualizar uma imagem mais positiva da sua trajectória.

Uma tal abordagem retrospectiva atenua aspectos dolorosos do percurso vital e ajuda a tolerar questões especialmente conflituosas.

A vida é uma espécie de vai e vem. Colhemos o que semeamos. Ela é o somatório do que vamos fazendo e do que somos, no multifacetado de um trabalho agradável e corajoso, gratificante embora difícil, com alegria e com desgosto.

O que importa é que o tempo passe no contexto de um programa prévio que cada um traçou para si próprio.

Mais importante do que viver muitos anos, circunstancia tida como factor influenciando as reformas, é viver com satisfação.

A plenitude da vida depende de solidariedade e da identificação de cada um como possuidor de si próprio, controlando e orientando os seus princípios pessoais.

A prosperidade como alvo a atingir está sempre no futuro. Para viver com entusiasmo e convicções o caminho é para a frente, conseguindo superar os azares, mediante uma boa auto-estima, sem o que não haverá bom relacionamento com os outros.

Mens sana, da máxima de Juvenal *mens sana in corporae sano*, significa ter assumido o passado e viver o presente como ponte para o futuro. A felicidade está aqui, no que ainda não chegou.

O passado deve servir como arsenal de conhecimentos e para a aprendizagem por si próprio.

Adão, depois da maçã teve que trabalhar. Apesar do labor como castigo do pecado original, é através daquele que historicamente pela sabedoria, a filosofia se cometeu na arte de saber viver e de procurar a felicidade.

É preciso discutir, com base no passado, para granjearmos a melhorar compreensão de atitudes e comportamentos do presente com vista ao futuro.

Epicuro, fundador da corrente que leva o seu nome, nasceu em Samos em 345 a.C., fixando-se em Atenas onde criou o grupo dos filósofos do jardim, assim chamados porque era no jardim da sua casa que se instalaram e organizavam debates para procurar o segredo da felicidade de que Epicuro concebia como prazer.

Os sentimentos de prazer e dor teriam uma função superior, constituindo o prazer o princípio da felicidade. O prazer máximo equivalia à ausência da dor, conferindo a tranquilidade da alma, a ausência de sofrimento a conquistar mediante a virtude que ajudará a valorar os vários prazeres.

Para os estóicos, cujo nome deriva do pórtico (stoa, no grego) onde proferiam os seus ensinamentos, a felicidade alcançava-se pela virtude, cujo máximo era atingir ser imperturbável.

O ceticismo baseia-se na ausência de qualquer tipo de verdade, duvidando ou não aceitando crenças geralmente admitidas.

Para os ecléticos eram aceitáveis todas as posições. Disse Cícero (106-44 a.C): “Todos estamos motivados pelo vivo desejo de ser felizes, mas a alma do sábio não tem esse desejo nem é arrastada pelo prazer. É livre porque não é escrava dos seus desejos”.

Todas as teorias da felicidade cabem em pontos opostos designadamente a felicidade pelo desejo, o prazer, o bem-estar e o nível de vida por um lado. Por outro, a virtude, a renúncia, a paz interior no controlo de si mesmo e a ascética e a austeridade.

Uma breve alusão ao voluntariado no sentido de ajuda aos desempregados e como ocupação saudável para os reformados restituindo-lhes um significado de utilidade e realização pessoal.

Voluntariado, palavra pensável, para pensar. Espírito de voluntariado generalizado, indispensável.

O outro, o reformado que não tem o mínimo de afecto nem condições adequadas para o seu desenvolvimento humano é um natural beneficiário do espírito do voluntariado.

Obviamente generalizado, espontâneo, sem alardes, automático, exercido numa perspectiva científica mas sobretudo de amor, o voluntariado deve ser uma peça fundamental nas dificuldades laborais.

Com humildade, somos forçados a sublinhar a diferença entre eficiência e eficácia. Eficiência traduz o empenho máximo em obter resultados. Eficácia é a consolidação prática, objectiva, conseguida do esforço desenvolvido na eficiência.

Cada um, na medida das suas capacidades, deve cumprir as tarefas previamente definidas sem ultrapassagens de atribuições nem competências.

Em grupo harmónico, no tempo e no espaço atribuídos, aceitando com desejo receber informação.

Segundo a Declaração Universal do Voluntariado, o voluntário “*deve trabalhar com ética, no desempenho das suas funções*”.

Qual ética?

Se todos sabemos o que é a ética, com humildade pragmática há que reflectir no conflito temporal de valores.

Antigos valores – a honra (morte do capitão do navio afundado e do general derrotado), vida pela fé (cristãos dados às feras), cumprimento da palavra dada, a virgindade (a vida de pureza), o altruísmo, o cumprimento das promessas, o temor a Deus, a vida como preparação para o Além.

A ética moderna é diferente e rege-se por viver mais, em menos tempo, a cultura das festas, a festa como diversão, bem-estar e felicidade, viver mais intensamente, dançar durante mais tempo, dançar quando as pernas fisiologicamente não chegam, prolongar o dia pela noite quando o ritmo biológico impõe que se durma e descanse, a prescrição do uso das drogas a qual esteve sempre consignada a elites (feiticeiros, curandeiros, médicos e técnicos de saúde), auto medicação sempre desviante, mais sexo, tudo mais depressa, mais difícil mais vasto, mais amplo, subir mais depressa, calcando os outros, pressão para o êxito, individualismo.

Há que atender a certos valores.

O voluntariado implica uma série de valores. O voluntário implica uma série de valores.

O voluntário não é alguém que apenas ajuda os outros.

O voluntário faz parte do problema. Não se trata do efémero, da esmola que se dá, e pronto. O voluntariado existe no sentido da cooperação, um para o outro e ambos.

Valores são tudo o que consideramos bom, mau, certo, errado, ou seja o que nos conduz à felicidade ou infelicidade.

Na experiência diária, pela consciência, desenvolve-se o respeito pelas pessoas e pelas coisas, aprende-se a ouvir e a cooperar.

A honestidade é um valor da vida em sociedade. A honestidade no século XXI significa agir com moral, dizer a verdade, ser justo, não enganar, nem roubar. Ser honesto implica uma justiça e uma verdade.

A responsabilidade é um dos valores do voluntariado. Ela implica a capacidade e obrigação de responder por actos praticados, omitidos ou a algo que se disse.

Responsabilidade é uma palavra que envolve uma questão essencialmente tripartida na qual todo o resto da problemática se encaixa: a

responsabilidade em termos de segurança social, a responsabilidade penal e a responsabilidade civil.

Donde vem a responsabilidade, tão exigível diferenciadamente na vida em sociedade?

Recuando no tempo, os romanos empregavam a palavra “sponsio” que era uma instituição ocupando um lugar primordial no antigo direito romano. Relacionada com aquela “spondere” veio originar “sponsus” (esposos).

O “sponsor” era um devedor, aquele que se compromete a prestação de algo, por exemplo, a desposar-se (casar-se).

O “reponsor” era essencialmente a garantia, o que se obriga a responder. Digamos, em termos actuais, uma espécie de fiador. Responder engloba, por isso, a ideia de que alguém se constitui em garantia perante certo acontecimento. Sublinha-se que em sentido amplo “responder” implica responder a qualquer tipo de questão.

O jurisconsulto romano “respondia” a quem o consultava e a importância de tais respostas está bem patente como fonte de direito romano. Contudo, fundamentalmente, responde-se a uma exigência perante um dever, um peso que se atribui à solicitação.

Importa não esquecer que a palavra responsabilidade tem significados diferentes, tomada em sentido comum e inclusive jurídico.

Em esquema, há quatro sentidos de responsabilidade. A responsabilidade como obrigação ou função derivada de um encargo, relação ou posicionamento social, a responsabilidade no sentido de factor causal (o trânsito foi o responsável pelo atraso em chegar ao trabalho), a responsabilidade no sentido de ser punível ou moralmente reprovável. Ser responsável significa que, segundo o ordenamento jurídico, deve aplicar-se uma sanção, sem que isso implique necessariamente que ela seja aplicada.

Quase diríamos que o voluntariado é uma enciclopédia de valores. O voluntário age com justiça. O que é isto?

Ser justo é actuar correctamente. Há justiça quando todos são julgados igualmente. A justiça é a vontade de dar a cada um o que merece. Ser justo é aceitar o outro na sua diferença.

É assim que o voluntariado se alarga como manifestação de cidadania. O voluntariado não colide com o trabalho remunerado como tem sido sublinhado.

No conceito contemporâneo, voluntariado não é só trabalho assistencial de apoio aos grupos mais desfavorecidos mas inclui as

múltiplas iniciativas dos cidadãos nas áreas da educação, saúde, cultura, defesa de direitos, meio ambiente, desporto e lazer.

O trabalho voluntário inclui duplamente cada vez mais o binómio generosidade e doação mas também a possibilidade de novas experiências, oportunidade de aprendizagem, prazer de se sentir útil, criação de novos vínculos de parceria e afirmação do sentido comunitário.

Prouvera que o novo alargamento conceptual não desumanize o voluntariado que tanto ajuda o moribundo a morrer como remove escombros na queda de um monumento ou proporciona maior satisfação a um reformado ou mais amparo no desemprego.

O voluntariado implica generosidade. Generosidade pela negativa, não é dar sem troca. Generosidade é prescindir de remuneração económica, do seu tempo de lazer em favor dos outros.

O voluntariado implica generosidade. Generosidade pela negativa, não é dar sem troca. Generosidade é prescindir de remuneração económica, do seu tempo de lazer em favor dos outros.

A generosidade acontece quando se pensa nos outros, os outros sabem que podem contar connosco, nos esforçamos pelos outros e se tem mais prazer em dar do que em receber. Também é generoso quem perdoa os erros dos outros mesmo quando cometidos contra si.

Um voluntário é munido de compaixão, sentimento de ternura e pena pelo sofrimento ou dor do próximo. É importante dizer que a compaixão só existe realmente quando se passa à acção.

Respeito é uma palavra de origem latina que significa olhar em volta. Os que olham só para o seu umbigo não respeitam ninguém. O respeito, quando falta, conduz à descortesia, insolência e grosseria. Pelo contrário, o seu excesso causa medo, receio, intromissão.

Tem-se levantado a questão do voluntariado nas empresas. Questão académica de muito interesse, para cuja intervenção prática haverá sempre que avaliar o clima interno da organização. Não será viável um programa de voluntariado para uma empresa com demissões numerosas, conflitos laborais, deslocação da empresa para local diferente.

No desemprego, o homem perdido pode adoptar o conselho de Epitecto: “Quando no jogo da vida saem más cartas, não há outro remédio senão tirar o melhor partido das que se têm”.

Não esquecendo que Leonardo da Vinci nos diz que “os males mais cruéis são os que cada um faz a si próprio”.

Com Mark Twain concordamos que “a velhice é essencialmente uma questão de mentalidade. Se não te importares ela não tem importância”.

Diz Espinosa que “ o homem livre não pensa em coisa alguma, nem na morte. A sua sabedoria é uma meditação, não em torno da morte mas, da vida”.

A onda de optimismo indispensável na moldura do reformado está imbuída de solidariedade (porque não falar de amor para com os outros?).

De ante ajuda, de compreensão, no dar e receber.

Nas palavras de Newton, se vi um pouco mais longe que os outros, é porque pude subir aos ombros de alguns gigantes.

A descoberta consiste em ver o que toda a gente viu e pensar naquilo que as pessoas não pensam (Szent-Gyorgio).

Não vamos ser pessimistas como André Maurois ao afirmar que “aceitar o mundo é aceitar o mal”.

É preciso encarar a situação no tempo, pois como refere Goethe, aquele que agarra o momento certo é o homem certo.

A sábia adaptação à mudança é uma virtude, um sinal de inteligência.

Na sua contundência verbal, Voltaire afirmou que “o homem estúpido é o que nunca muda”.

Paradoxos do aprender até morrer acentuam-se quando a liberdade é valor que pesa mais que a própria vida. A liberdade como valor essencial é assinalada por Poincaré: “A liberdade está para a ciência como o ar está para o animal” e tida por Jefferson como a primeira filha da ciência.

A benevolência é mais importante que a sabedoria; reconhece-lo é o princípio da sabedoria (Theodore Isaac Rubin).

O inexorável do tempo disponível clama que o meu discurso se extinga como o fumo do pavio apagado – com naturalidade.

Pretendermos passar a nova mensagem de que não há empregos mas ocupações não é linear. Mas é necessário. Os mais fortes compreenderão mais depressa o ritmo da mudança. Outros haverá que necessitarão de uma ajuda transversal para a compreensão do fenómeno.

No futuro mercê de um programa de educação nacional, de inserção familiar, as crianças serão confrontadas com questões diferentes. Em vez da sacramental pergunta --- o que queres ser quando fores grande --- sserá preferível propor: “em que gostavas mais de te ocupar quando fores grande?” Em que área, na agricultura, gostavas de lidar com animais com plantas, mais em contacto com a natureza do que metido numa sala ou num escritório?

Gostavas de aprender e ensinar os outros e isso dar-te-ia prazer? Gostavas de trabalhar no ramo da saúde com vista a evitar que os outros viessem a ficar doentes? Ou preferias construir estradas ou prédios? Mas sabes, a tua utilidade, a tua inserção na sociedade, enfim a tua maior felicidade só será conseguida se estiveres contente e souberes fazer com o brilho nos olhos aquilo que estas a fazer.

Assim desaparecerá a crise do desemprego porque nunca estarás empregado no sentido convencional do termo, mas como no futuro vai acontecer para todos – ocupado.

Evitavam-se as várias fazes do desemprego com o conseqüente sofrimento.

No dia seguinte, no primeiro dia da reforma acontece um abrupto vazio existencial para quem não se preparou para uma mudança radical.

É sabedoria mudar com parcimónia, num processo de auto-transformação de acordo com o passado e as circunstâncias envolventes.

Na tentativa da resolução de uma situação perturbante que é a reforma, arrastamos o seu próprio fantasma. Assim como as primeiras horas do recém-nascido a enfrentar as agruras no novo perimundo também para o reformado as primeiras horas são fundamentais.

Que fazer? Valerá a pena desfazer a barba como antes de ir para o emprego se já não há emprego?

A reforma engloba uma série de perdas sucessivas como na velhice. Há que contemporar, conviver bem com essas perdas.

Admite-se que até um ano antes da data da reforma não há grandes problemas e os que existem estão mais relacionados com a idade do interessado do que propriamente com o desligar de uma carreira, com o cortar de uma profissão que não raras vezes é a peça mais significativa da pessoa.

Estatisticamente calcula-se que é entre os oito meses e um ano antes o limite quando se manifestam certas dificuldades relacionadas com alguma ansiedade.

No dia da reforma tudo parece melhorar um pouco, à guisa da resolução de um conflito, passe a comparação – uma espécie de melhoras da morte.

A reforma é uma mudança demasiado importante para que se possa negociar com indiferença.

Passadas as duas primeiras semanas, tudo vai ser diferente para o reformado.

Há uma fase de descompressão, definida por uma sucessão alternada de altos e baixos, como fenómeno natural, no processo de mudança. Tal percurso natural é salutar já que para a transformação de passagem de um estado para o outro é preciso aceitar perder-se momentaneamente.

A descompressão começa a partir do momento em que o sonho se cruza com a realidade, constituindo um período de turbulências profundas.

A fase de abatimento é complexa, e um balanço existencial pode, por vezes, conduzir ao suicídio.

Uma das dificuldades na reforma está na inserção do reformado na família e na aceitação desta para com ele.

A aceitação consiste em assumir o que se passa e também perder algumas das ilusões.

Independentemente da idade a reforma é uma nova etapa da vida.

A construção de uma vida nova deve ser feita pouco a pouco, bem planeada. É preciso reinventar a vida. O grande papel do reformado está na possibilidade de transmitir a experiência de vida aos mais jovens sabido é que p sentido de utilidade lhe confere prazer.

O homem válido, adulto na força da vida, deslocado, desinserido de si próprio, afastado por vontade não própria, por vezes surpreendido, na sua limitada sabedoria deve dar a volta, obviamente ajudado no desenvolvimento do seu conflito psicológico. Por outras palavras, por em marcha os mecanismos previstos para apoio aos desempregados na senda de orientar, qualificar, certificar como desafios das novas oportunidades de aprendizagem ao longo da vida.

Obviamente, que o Premium movens para o êxito parte da preferencial ocupacional diversificada do interessado.

Apesar de tudo, e ainda numa perspectiva clássica têm sido apontadas como etapas principais como viver uma reforma feliz.

Tudo e sempre sobre o manto da desejada felicidade. É o confronto com a idade da reforma. A resistência à mudança. O frenesim e o abatimento. A aceitação e a realização e a renovação.

Em termos de oportunidades de aprendizagem mais que os programas específicos convencionais, os resultados em termos de eficácia passam pela capacidade em resolver problemas.

Daqui deriva, como extensão, a possibilidade do próprio resolver o seu problema na série de minivtórias conseguidas aos poucos e permanentemente. A auto-gratificação, a boa estima, a identidade consigo na adversidade, no tentar dar a volta, são os ingredientes adequados e necessários para dar rumo a um adulto válido que deve prosseguir feliz, substituindo a amargura pela alegria da conquista de um programa de vida nova.

Saibamos colher fruto das dimanações da União Europeia, para uma aprendizagem ao longo da vida. O saber não tem barreiras. È assim que surgem naturalmente parcerias a nível publico e provado como o mesmo objectivo de promover a aprendizagem tendo em conta o mercado do trabalho numa sociedade contemporânea do conhecimento.

È nos locais de trabalho que deve promover-se a aprendizagem, pela aquisição de conhecimentos para além dos constantes na Maria e na Bola, desenvolvendo a noção de que é indispensável e possível de que é indispensável e possível aprender em qualquer idade. A contar e a escrever com lápis, esferográfica, caneta de tinta, na lousa ou no computador.

A aprendizagem ao longo da vida, temática consagrada, nos ditames europeus e aceite por nó, é toda e qualquer actividade de aprendizagem

empreendida num base contínua com o objectivo de melhorar conhecimentos, aptidões e competências.

Muito ao jeito do espírito de Bolonha ela engloba o nível pré-escolar, os graus de ensino básico, secundário e superior, a formação inicial e contínua, a educação e formação de adultos e múltiplas outras actividades de formação não sistémicas, sem caracter formal ou institucionalizado que facilitam a permanente actualização dos saberes e competências e o desenvolvimento de uma capacidade crítica e empreendedora no sentido de uma cidadania activa, do reforço da inserção e coesão social e de uma melhor ocupação laboral.

Ou seja, um programa a desenvolver desde o nascimento até à morte.

Todos têm direito ao conhecimento e actualmente isso implica o acesso a todas as vias do ensino, aproveitando as tecnologias da comunicação, nomeadamente o ensino à distância quer por circuitos internos quer mediante os canais da TV.

No contexto da aprendizagem ao longo da vida, a existência de pontos intermédios de saída nos processos de formação poderá permitir percursos intermitentes e diferenciados de formação, para ale de evitar a frustração dos formados que abandonam os programas sem levarem consigo qualquer certificação das aprendizagens adquiridas.

No âmbito da democratização de acesso, de forma a preparar os cidadãos para uma integração plena na sociedade do conhecimento, exige-se uma diversidade de vias e percursos de formação que se adaptem às capacidades e vocações individuais de todos, procurando levar cada um ao nível da excelência que as suas capacidades permitem.

O Instituto do Emprego e Formação Profissional mediante a possibilidade de aculturação permanente na melhoria da aquisição de competências é, por isto mesmo, instrumento de valor na sociedade portuguesa.

É assim que na política global da ocupação laboral cabe ao Instituto o privilégio de mercê de um sistema coerente e racional de instrumentos disponíveis, proporcionar aos portugueses a melhor solução para multiplicidade de problemas de todos conhecidos.

É de sublinhar a competência do Ministério do Trabalho para apoiar a coordenação de acções conjuntamente das entidades públicas e privadas.

Com humildade e sem vergonha, há que reconhecer a verdade de que mais de metade dos portugueses são analfabetos no entendimento da ausência de conhecimentos informáticos. É importante por em marcha o que insipientemente vai acontecendo ao longo do País, promover neste campo a aprendizagem de todos, obviamente mais facilitada para os menos novos.

Cerca de 13% dos menos informados neste campo encontram-se no grupo etário dos 16 aos 24 anos, enquanto 49% pertencem ao grupo dos 25 aos 54 anos.

Se o mal dos outros nos puder consolar, recorde que 37% da população europeia não tem qualquer conhecimento de informática.

Sem fantasias aceitemos a dificuldade de uma economia competitiva baseada na inovação tecnológica.

Estamos na Europa, mas o nosso futuro como portugueses depende das capacidades que tivermos para enfrentarmos desafios económicos e sociais. No contexto europeu de aprendizagem ao longo da vida poderemos transitar de um ambiente de aprendizagem para uma ocupação, com a consequente mobilidade de região para região ou de país para país pela qualidade similar de competências e qualificações adquiridas.

Se o facto de recordar algumas das nossas deficiências puder servir de estímulo para recuperar a nossa auto estima há guisa de provocação obrigando-nos a correr contra o tempo, pode lembrar-se que na senda da informática como indicador do analfabetismo contemporâneo não estamos bem mas não estamos desacompanhados. 65% dos gregos não sabem usar o computador, nem 59% dos italianos 57% dos húngaros, 54% no Chipre e 53% na Lituânia.

Na União Europeia 65% das pessoas de idade compreendida entre os 55 e os 74 anos não sabem usar o computador.

Não conheço indicação quanto aos idosos portugueses obviamente desempregados ou reformados.

Para efeito de programas de aprendizagem ao longo da vida há que ter em conta que os mais bem conhecedores da informática (42%) têm idade compreendida entre os 16 e os 24 anos atingindo uma percentagem de 65% nos estudantes e de 63% nos licenciados.

Para já estimam-se em 21% os portugueses com bons conhecimentos informáticos.

A discussão da aprendizagem ao longo da vida, não sendo um problema acabado de surgir, continua a ser contemporâneo a necessitar de uma adesão franca e total a nível nacional.

Não estamos a conjecturar fantasias mas tão-somente um reflexão de nível europeu a qual constitui necessariamente o pano de fundo para a análise do nosso caso na medida em que as eventuais reformar a introduzir, devendo salvaguardar as especificidades e diversidade do nosso sistema, não poderão deixar de ter em atenção os problemas inerentes à construção da União Europeia.

Neste contexto, um tal caminho abre oportunidades políticas únicas para as instituições laborais e para as suas entidades representativas a nível europeu, oportunidades essas que devem ser aproveitadas em toda a sua

plenitude. Convirá ter presente que este processo de alinhamento de políticas poderá ir tão longe quanto os países concordem.

Compete à instituições laborais não deixarem a incitava só, ou predominantemente, aos governos, devendo também tomar elas próprias em suas mãos a construção de propostas e soluções que se imponham naturalmente pela sua fundamentação, razoabilidade e adequação às legítimas expectativas da sociedade.

Na realidade é nas instituições do trabalho que se encontra o melhor reservatório da riqueza de um país e por conseguinte um grande potencial para a procura de soluções.

A recuperação cultural do trabalhador, de qualquer nível, é preocupante, por estar a ocorrer ao arpejo da necessidade de formações iniciais de curta duração que resultam, para além de carências específicas do mercado de trabalho, da massificação da frequência da aprendizagem.

Assim, um primeiro desafio que se coloca entre nós é a reposição de formações de curta duração com relevância para o mercado de trabalho.

Compete ao governo a definição das políticas. Tendo em conta a situação real do país no seu matizado de assimetrias digamos que estamos no bom caminho do tempo. Não em dias, nem meses, mas humildemente em ano. Para recuperar a posição de outros países recordando numa perspectiva histórica onde desde 1978 os programas de aprendizagem ao longo da vida forma iniciados, talvez nós consigamos atingi-los em três gerações, com a vontade e colaboração de todos.

Vamos para a frente no contexto do Parlamento Europeu e do Conselho das Europa que em 23 de Outubro de 1995, proclamaram 1996 como o ano europeu da educação e da formação ao longo da vida (Decisão 2493/95/CE).

Ocupei a vossa paciente atenção com reflexões multifacetadas sobre o tema proposto: O VALOR DA SABEDORIA: PARADOXOS DO APRENDER ATÉ MORRER.

Quiçá agora pudesse começar. Não vou faze-lo. Ficará para outra eventual oportunidade.

Cheguei ao fim. Já vão para alguns anos as seguintes palavras “Faço o melhor que sei e o melhor que posso; e faço questão de continuar deste modo até ao fim. Se o fim mostrar que tive razão, o que dizem contra mim não terá importância. Se o fim mostrar que estive errado, nem dez anjos a jurarem que tive razão mudarão nada”.

São do Presidente americano Abran Lincoln (1809-1865).

Termino com um pensamento de Matisse: “Há flores por todos os lados para quem as queira mesmo ver”.